

Professor sofre exaustão emocional

■ Pesquisa constata que metade dos profissionais da rede pública apresenta distúrbios psíquicos por causa da insatisfação com o trabalho

RENATO FAGUNDES

BRASÍLIA – Metade dos profissionais de ensino brasileiros da rede pública estadual estão sofrendo de distúrbios psíquicos caracterizados pela exaustão emocional. O fato tem provocado o desenvolvimento de atitudes negativas com os alunos e a falta de realização profissional, levando a um crescente desinteresse pelo trabalho. Os sintomas, típicos da chamada *Síndrome de Burnout*, foram detectados por uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e pela Universidade de Brasília

(UnB). O estudo ouviu 52 mil professores, merendeiras, vigias e funcionários administrativos de 1.440 escolas de primeiro e segundo graus de todos os estados brasileiros.

De acordo com o relatório – que começa a ser debatido hoje no Congresso Nacional da CNTE, em Goiânia –, os sintomas de *burnout* detectados entre 48% dos profissionais de ensino são ainda mais graves do que o estresse. O nome da síndrome, em inglês, pode ser traduzido como “queimar para fora”, desperdiçar energia. “É uma síndrome em que o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não

importam mais e qualquer esforço lhe parece inútil”, define o relatório.

“O *burnout* é pior do que o estresse, por representar um absoluto desencanto com a profissão, e tem um impacto direto sobre o ambiente da escola”, afirma o presidente da CNTE, Carlos Augusto Abicalil. Segundo ele, a síndrome já poderia ser caracterizada como uma doença do trabalho típica dos professores brasileiros, causada pela falta de condições de trabalho, pela sobrecarga de atribuições e pelo excesso de turnos. O problema também afeta merendeiras, vigias e profissionais administrativos das escolas.

De acordo com a pesquisa, a vio-

lência também pode estar por trás do desgaste emocional dos profissionais de educação. Segundo o estudo, a escola brasileira “é constantemente ameaçada pela insegurança, alvo de freqüentes ocorrências de roubo e/ou vandalismo”. A solução apontada pelos próprios profissionais, no entanto, não passa pelo simples aumento da vigilância, mas inclui a abertura das escolas às comunidades, como espaço de lazer e integração. “É a carência do exercício da cidadania o que ameaça a escola pública brasileira: a interiorização de que essa escola nos pertence e que por isso temos o dever de protegê-la e não de destruí-la”, diz o relatório.

O estudo também avaliou as condições de ensino nas escolas estaduais, que hoje concentram cerca de 80% dos 55 milhões de estudantes brasileiros – o restante está nas redes municipais. Segundo os pesquisadores, numa nota entre 0 e 1, a infra-estrutura das escolas brasileiras recebeu nota média de 0,670. Além disso, segundo a pesquisa, 24% dos professores brasileiros têm mais qualificação do que a necessária para os postos que ocupam, enquanto 8% não são suficientemente qualificados. Os maiores índices de desqualificação estão nas regiões Norte e Nordeste.

De acordo com a pesquisa, as es-

colas “deixam muito a desejar”, em especial nos recursos que promovem melhores condições de ensino, como salas de repouso, telefones e armários, com nota 0,36. A presença de materiais de apoio ao ensino – como aparelho de som, biblioteca para alunos, material didático e computadores – também foi reprovada na pesquisa, com nota média de 0,55. Apesar dos baixos salários e do excesso de trabalho em algumas regiões, a pesquisa indica que 92,1% dos profissionais de educação dizem realizar um trabalho importante para a sociedade. Mesmo assim, 14% se dizem insatisfeitos com seu trabalho.